

A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIAL SIGNIFICATIVA EM GADAMER

[THE NOTION OF SIGNIFICANT LIVED EXPERIENCE IN GADAMER]

Luiz Rohdenrohden@unisin.br<https://orcid.org/0000-0001-6143-090X>

Graduado em Filosofia pela FAJE em convênio com Universidade Federal de Minas Gerais (1990), mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1994), doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000) e pós-doutorado realizado na Penn State University, EUA (2015).

Vanessa Steigleder Neubauervneubauer@unicruz.edu.br<https://orcid.org/0000-0001-6182-3455>

Graduada em Dança pela Universidade de Cruz Alta (2001), especialista em Psicopedagogia, abordagem institucional e clínica pela Universidade de Cruz Alta (2006), especialista em Psicologia Jurídica e Inteligência Forense RT pelo Instituto de Especialização do Amazonas - ESP (2002). Mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2010) e Doutorado em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2015).

DOI: [10.25244/tf.v16i2.6198](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.6198)

Recebido em: 20 de maio de 2024. Aprovado em: 25 de setembro de 2024

Caicó, ano 16, n. 2, 2023, p. 95-108
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v16i2.6198](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.6198)

Dossiê Gadamer



A noção de experiência vivencial significativa em Gadamer
ROHDEN, L.; NEUBAUER, V. S.

Resumo: Este texto dedica-se aos conceitos de vivência intencional e de experiência significativa na hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, para aclarar a ideia de experiência vivencial significativa, comprometida com o modo como conduzimos a vida. Para o filósofo, a experiência atravessa a amplitude do mundo da vida histórica e pode ser compreendida no contexto das vivências intencionais factuais implicadas na circularidade de horizontes distintos que se fundem, a fim de encontrar o sentido apropriado. Segundo Gadamer, é ao colocar em xeque nossos preconceitos que se estrutura a interpretação e se direciona o modo de agir do próprio ser. O texto discorre sobre os conceitos de vivência e de experiência.

Palavras-chave: Hermenêutica. Filósofo. Gadamer. Vida.

Abstract: This text is dedicated to the concepts of intentional experience and meaningful experience in Hans-Georg Gadamer's hermeneutics, in order to clarify the idea of meaningful experiential experience, committed to the way we conduct our lives. For the philosopher, experience spans the breadth of the world of historical life and can be understood in the context of factual intentional experiences involved in the circularity of different horizons that merge in order to find the appropriate meaning. According to Gadamer, it is by putting our preconceptions into question that interpretation is structured and the way in which being itself acts is directed. The text discusses the concepts of living and experience.

Keywords: Hermeneutics. Philosopher. Gadamer. Life.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa retoma a filosofia de Hans-Georg Gadamer, para aclarar que da vivência intencional para a experiência significativa emana a noção de experiência vivencial significativa. Para tal, descreveremos inicialmente o conceito de vivência [*Erlebnis*] e, na sequência, o que o autor entende por experiência [*Erfahrung*].

O texto enuncia-se nos seguintes termos: é na relação que se estabelece entre a vivência intencional e experiência significativa que se desvela o horizonte da tarefa hermenêutica, compreendida aqui como “experiência vivencial significativa”, a qual é uma instauração de sentido diante da existência individual e coletiva. Para o autor, falar de experiência significativa implica estar comprometido com a experiência de sentido para com a própria existência, a qual é significativa, antes de tudo, quando compreende e expressa o sentido de vida humana considerada como vida boa.

O acesso a tal compreensão não decorre somente da vivência, mas também da relação desta com o que estrutura uma experiência de historicidade e prudência, ou seja, é junto à vivência das coisas que nos fazemos presentes; não saímos do tempo e da história nem nos separamos de nós mesmos; estamos sempre orientados pelo factual. Em outras palavras, não somos nós que interrogamos a história: é ela que se coloca como tal. Sem essa dimensão de abertura e acontecimento que a vivência propõe, teríamos apenas a reprodução das coisas simplesmente dadas, e o desfecho da vida humana seria comprometido com certas proporções de alienação.

Na filosofia de Gadamer, consideramos que o desvelar das coisas não decorre de uma ação da subjetividade nem de uma suspensão de mundo, mas, sim, de uma intenção, de uma mediação a partir dos vínculos do ser-no-mundo individual e coletivo, entre o presente, o passado e o futuro, no factual. Nesses termos, a vivência intencional pode ser considerada como acontecimento necessário e porta de entrada para a autocompreensão que se estende ao modo de ser de um *ethos*. É no exercício da experiência hermenêutica como sabedoria prática que emerge a unidade e a continuidade do autoconhecimento e é a partir dela que se estabelece o reconhecimento da existência individual e coletiva. Somente através desse reconhecimento que podemos validar a noção de experiência significativa como instauração de sentido da própria existência no mundo da vida, o qual visa à felicidade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA

A proposição *experiência vivencial significativa*, defendida neste texto, pode ser compreendida como a própria tarefa hermenêutica descrita por Gadamer, de modo a elucidar as implicações éticas atuantes em sua filosofia. O reconhecimento da autocompreensão do outro é central para esse sentido, pois perceber a compreensão mútua entre os seres humanos, como coparticipantes que compartilham as características essenciais da humanidade, é um modelo irreduzível de uma abertura que nos conduz a um diálogo sério e respeitoso, capaz de reconfigurar aquilo que a tradição nos legou.

O entendimento da hermenêutica de Gadamer que defendemos aqui, a partir da noção de *experiência vivencial significativa*, expressa um modo de compreensão e interpretação desde o qual os seres humanos compreendem-se mutuamente. É por isso que precisamos reconhecer que nesta experiência se encontra associado o hábito da virtude da prudência.

Segundo Kögler, a experiência hermenêutica de Gadamer refere: O reconhecimento da igualdade do outro [...] se realiza no endosso de um diálogo sobre questões compartilhadas no qual o valor mútuo das vistas envolvidas como potencial verdade é considerado básico. O reconhecimento hermenêutico do outro é entendido como um projeto em andamento que encontra sua realização ética na abertura real para que o outro tem a dizer. Este ethos implica o compromisso de reconhecer a entrada da experiência do outro e ao mesmo tempo a compreensão reflexivamente as práticas e os poderes que constroem e possivelmente prejudicar esse reconhecimento reais (KÖGLER; MALPAS; GANDER, 2015).

A experiência da interpretação é algo vivenciamos; sendo assim, nós somos partícipes da construção do seu sentido; porém, acima de tudo, ela coloca nossos preconceitos a prova, ou seja, nossas verdades, previamente instauradas pela tradição, tornam-se passíveis de serem colocadas em dúvida, o que acaba por torná-las abertas a mudanças. Portanto, além de vivenciar, sentir na pele e participar da construção de seu sentido, temos a implicação do devir, que constituirá tradições futuras. Para Gadamer, a experiência é sempre da finitude, sendo temporal e espacial; além disso, ela nunca pode ser repetida.

Doravante, a tarefa hermenêutica exige uma sabedoria prática, de um saber para si, que leva em consideração a vida em sua dimensão social e coletiva. Compartilhar um sentido para com a existência individual e coletiva é o que encontramos como característica essencial, a qual pertence a uma ética hermenêutica. Somente por um envolvimento participado e partilhado é que podemos nos colocar no lugar do outro enquanto igual, e é nesse compreender que respeitamos nossas diferenças e estabelecemos um modo de ser de responsabilidade para com a vida. O significativo do efeito da hermenêutica é decorrente da experiência vivencial implicada ao *ethos*, é assegurado pela *phronesis*, ou seja, pela racionalidade responsável; não é um mero adestramento ou adaptação, não é conformismo, mas constitui, justamente, a dignidade do ser genuíno e da autocompreensão dos humanos (GADAMER, 2001).

No entanto, diante da noção de *experiência vivencial significativa* como o que descreve a tarefa hermenêutica de Gadamer, surge uma questão: *tal noção não se reporta a uma certa redundância sobre os conceitos apresentados?* (vivência e experiência). Essa pergunta se justificaria no fato de que, aparentemente, os conceitos pressupõem que o acontecer de um já está associado ao acontecer do outro, como se ambos fossem unos, no entendimento de que não existe experiência sem vivência, nem o seu inverso, bem como de que todo movimento da experiência é significativo.

Em resposta à questão, afirmamos que a hermenêutica de Gadamer é descrita como movimento de uma *experiência vivencial significativa*. Tais conceitos não podem ser compreendidos como se um subentendesse o outro, pois possuem características distintas em seu efeito. Eles não acontecem como algo dado por si só, como se o acontecimento de um já fosse o acontecimento do outro. Ambos possuem estrutura diferente em seu propósito de efeito, tendo profundidades distintas, pois nem sempre caminham juntos. Em outras palavras, nem toda vivência se compromete com os princípios de uma experiência, ou seja, o de meditar, pensar, analisar, ponderar, criar, etc. O perguntar pode ser considerado em termos o próprio pensar. A coragem do pensar germina da exigência do ser e, então, surge a linguagem do destino (HEIDEGGER, 1968).

É claro que o nexa da experiência emerge de uma linguagem já constituída para um outro horizonte constituinte de linguagem. Portanto, o pensar tem implicação direta na compreensão da

A noção de experiência vivencial significativa em Gadamer

ROHDEN, L.; NEUBAUER, V. S.

vivência. Ter a coisa diante dos olhos não basta, pois é necessário um esforço de reconhecimento e afastamento para o pensar ser bem-sucedido.

Mesmo que as vivências nos toquem e, assim, instaurem sentidos e preconceitos, elas não têm a preocupação de autocompreender-se. A vivência é mais uma descrição autobiográfica de si. De fato, para o Gadamer, as vivências são primordiais, pois são elas que indicam a essência do mundo da vida (o fato de se estar vivo); em outras palavras, é nas vivências que sentimos na pele o atravessamento do mundo a nossa volta, em nossa constituição de ser humano histórico e temporal. São as vivências o nosso primeiro encontro com o mundo da vida, as quais podem ser conscientes ou inconscientes; são elas que, em sua circularidade, tornam-se modos de dação da própria tradição. Contudo, vivenciar é um projetar-se que não tem o compromisso de significar, justificar, ou validar o que vivenciamos. Vivenciar é um estar presente, que só faz sentido pelos atos de percepção. Com efeito, é uma imediaticidade única de sentir a vida em toda sua extensão.

Portanto, vivenciar é um aventurar-se com a própria vida e com o que ela nos apresenta. Por exemplo, estar em um ônibus e ver alguém, ao sair do mesmo, derrubar a carteira, e o passageiro, sentado ao lado, juntá-la e, a seguir, sair rapidamente para entregá-la, é, sim, vivenciar um sentido de respeito e responsabilidade para com o outro. O sentido instaurado nesse evento pode nos atravessar, afetando nosso estado de ânimo, demonstrando o sentido da existência humana. No entanto, essa vivência de sentido de responsabilidade não é uma garantia de que, em nossas experiências, sejamos responsáveis e comprometidos com a essência do ser humano. Conhecer o sentido de responsabilidade não é garantia que saibamos pensar e agir com responsabilidade. Para isso, é necessária uma autocompreensão sobre o nosso modo de ser e o dos outros, que não pode ser dirigido pelos sentidos extremos das coisas, mas, sim, pelo meio termo, pela prudência. Podemos ter a intenção de desejar ser responsáveis, mas, para tal, é preciso ir além de conhecer o significado de responsabilidade; essa tarefa exige um esforço diário do pensar com medidas na racionalidade em conexão com o diálogo sério e comprometido com a vida em seu todo vital.

Diante disso, está implicado o propósito de associar as vivências ao esforço do que concerne à experiência. A experiência significa ir para além das vivências, colocar as vivências a prova, assumir o sentido da existência, ou seja, é pensar sobre as coisas com prudência, cuidado, compreendendo que o todo da vida é um quebra-cabeça de peças distintas que se relacionam e se complementam, reconhecendo, assim, a existência em seu sentido mais profundo: o de uma vida justa e, por consequência, feliz.

A experiência é mais que um aventurar-se; é um compartilhar e participar da construção de um sentido. Por isso, uma experiência não pode ser entendida como uma vivência, pois ela perpassa o atravessamento de um estado de espírito e acolhe a capacidade de discernimento sobre si e as coisas. Mesmo que a experiência exija uma vivência, uma vivência não necessariamente se estende aos propósitos de uma experiência. No entanto, nem toda experiência é vivenciada, pois, se pensarmos na experiência experimental da ciência empírica, ela nada tem de conexão com o conceito de vivência descrito por Gadamer, pois o seu sentir não se faz na pele. Ademais, uma experiência hermenêutica deve acolher a vivência, mas, ao mesmo tempo, distanciar-se dos preconceitos instaurados por esta para não obscurecer o seu efeito e manter os hábitos cotidianos como verdades únicas. Conforme afirma Bernstein, para Gadamer, era necessário colocar em risco as nossas próprias convicções e preconceitos através de um encontro com o outro, ou estranho, condição necessária para compreendê-lo em seu sentido mais forte possível. Somente com isso tem-se a abertura de si mesmo a todo o poder do que o outro/coisa diz. Tal abertura não indica concordância, mas, sim, um confronto dialógico (BERNSTEIN, 1992).

Gadamer pensa na experiência como tarefa hermenêutica teórico-prática que consiste em instaurar sentido para a vida humana, tornando-a mais plena e autêntica como seu objetivo primordial. Sendo assim, a objetividade relativa do esforço de uma experiência concentra-se nas escolhas que fazemos perante ela, o que aponta para um meditar e criar, que, com efeito, é a raiz da própria prática filosófica. Portanto, não é só o fato de, em uma experiência, escolher-se um ou outro caminho quando buscamos compreender algo, mas, sim, um tencionar a si mesmo, de modo que nossas verdades *a priori* possam ser colocadas em xeque a fim de reconhecermos nossos limites e possibilidades, permitindo a reformulação e ampliação de horizontes. Portanto, percebemos que, mais que o significado final de uma experiência, a sua fecundidade encontra-se no seu próprio movimento de entrega e participação. Grondin comenta que Gadamer, ao ser indagado sobre a experiência como festa, algo que deve ser comemorado, respondeu que a considera como festiva, porque traz à tona a temporalidade da festa e faz com que todos os participantes tomem coragem para se transformar com ela (GRODIN, 2003).

Gadamer afirma que “a festa une e reconcilia a comunidade de maneira mais íntima e importante” (GADAMER, 1986) pelo fato de que todos se reúnem para alguma coisa em um tempo e espaço definido e limitado. Por isso, a experiência para carrega o símbolo de festa, pois é ela que faz vir ao mundo o que geralmente escapa ao mundo, seu alicerce e fundamento, o ser. A experiência irrompe a vivência, fazendo-nos ver o mundo através do que ele abre como acontecer da verdade, porque traz como possibilidade manter em aberto o aberto do mundo (LAGO, 2011).

Compreendemos a essência da experiência como aquilo que é revelado e exposto na oscilação constante entre o encontro da coisa com o intérprete, pois é nessa relação que ela se faz primordial, da qual emana o conceito frutífero de uma experiência, e o que se reapresenta para nós é o que está em questão. Portanto, ela não deve ser compreendida apenas em si mesma, ou seja, em sua real aparência, nem na subjetividade do intérprete. A noção de ser-desvelado já pressupõe a necessidade de ir além da subjetividade e da forma aparente do mesmo. Portanto, a verdade não é simplesmente o *ser-aí*, de tal modo que ele se encontre contraposto ao representar correto. O seu significado nunca é final, ele está sempre em construção, podendo reapresentar-se enquanto tal em cada experiência. Com isso, Gadamer concorda com a exposição de Heidegger, o qual afirma que a experiência é:

[...] efetivamente uma tensão entre despontar e encobrimento, [...] é o aguçamento dessa tensão que constitui o nível de figura de uma obra de arte e que gera o brilho, por meio do qual ela ofusca tudo. Sua verdade não é o estado patente e plano do sentido, mas antes a insondabilidade e a profundidade de seu sentido (GADAMER, 2012, p.34).

Com isso, levanta-se a importância da “coisa/obra” em que repousa também o fato de que ela interpela e expõe o homem diante de si mesmo em sua existência determinada historicamente. O fato de experimentarmos a verdade em uma experiência adverte a consciência científica a reconhecer seus limites. Além disso, ela nos leva para além da aparência das coisas aí e desacomoda nossa forma de pensar decorrente de hábitos corriqueiros, que faz sua experiência ser um evento festivo, mesmo que primeiramente seja doloroso enfrentar o estranho e distinto.

Em toda experiência está posta a exigência de reconhecimento dos preconceitos – que se configuraram por vivências anteriores – e, com isso, afastá-los, para que as coisas possam nos falar, ou melhor, mostrar-se como tal, e o que em cada acontecimento é único e insubstituível. Somente

A noção de experiência vivencial significativa em Gadamer

ROHDEN, L.; NEUBAUER, V. S.

reconhecendo nossos preconceitos é que podemos instaurar um diálogo sério e respeitoso com o que nos é estranho e distinto, reconhecendo nossos limites, para encontrar um sentido apropriado das coisas e dos acontecimentos. Gadamer deixou claro que a experiência é “sofrimento”, pois temos que considerar que nossas verdades *a priori* não são as únicas, visto que o outro também pode ter razão; o que não é tarefa fácil: enfrentar o novo, desacomodar o que já era costumeiro e conhecido, reconhecer nossos limites e novos horizontes é um desafiar-se para reconstruir-se; é preciso coragem, força e prudência.

Com ênfase, para Gadamer, a ideia de experiência vivencial significativa é a hermenêutica filosófica de uma sabedoria prática, que nos reporta ao um sofrimento positivo. Sigamos as palavras de Nietzsche:

[...] nunca é alto o preço a pagar pelo privilégio de pertencer a si mesmo [...] ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás para atravessar o rio da vida, ninguém exceto tu, só tu [...] é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante [...] o inimigo mais perigoso que você poderá encontrar será sempre você mesmo [...] as convicções são cárceres [...] não te enchas de ar: a menor picadela te esvaziaria [...] gosto, como os animais, das florestas e dos mares, de me perder durante um tempo, permanecer a sonhar num recanto encantador, e forçar-me a regressar de longe ao meu lar, atrair-me a mim próprio [...] de volta para mim [...] tudo que não me mata me fortalece [...] (NIETZSCHE, 1974, p. 73).

Acreditamos que, assim como Gadamer, Nietzsche também compartilhava a ideia de uma hermenêutica que percorre o constructo do ser humano no mundo, que converge com a responsabilidade do indivíduo para consigo e para com os outros, o que, de fato, é uma experiência de sofrimento e, portanto, de crescimento.

A partir de tais considerações constatamos que seria possível desenvolver um estudo sobre a teoria hermenêutica como sabedoria prática, em Gadamer, em consonância com a filosofia de Nietzsche, principalmente com relação à temática da *experiência vivencial significativa* enquanto um modo de ser para consigo e para com o outro, ou seja, para com a vida em sua totalidade.

Os fundamentos teóricos de Gadamer acerca da hermenêutica demonstram a necessidade de se prestar atenção na força do que emana da experiência como mola propulsora de criação para amenizar os problemas da vida compartilhada. Dessa forma, eles não dizem respeito à atividade cognitiva de um sujeito solitário, o que nos permite ver a experiência hermenêutica como um movimento ontofenomenológico, implicada a uma natureza dialógica da linguagem, preocupada com um devir ético, que nos ensina a conhecer a nós mesmos e aos outros, assim como ao mundo.

Compreender o outro não é um ato cognitivo que captura um objeto autossustentado na sua determinação pré-existente. Para entender o outro é necessário a renovação da nossa coexistência social, o que acontece quando se experimenta o poder dos preconceitos. Com isso, o *ser-aí* se realiza ao ser atravessado pela diferença, expressando-se linguisticamente na busca de ser compreendido e de compreender.

O propósito da filosofia hermenêutica de Gadamer não diz respeito aos nexos instituídos pelas vivências intencionais e, tampouco, aos da experiência de sentido; seu propósito está justamente na ligação, no relacional desses dois movimentos: vivência e experiência. Porém, seu

propósito primordial é a associação dessa relação circular com o copertencimento e a corresponsabilidade para com o desfecho do mundo da vida. Podemos afirmar que o seu sentido não é individual, subjetivo, abstrato, solipsista, muito menos absoluto; ele está sempre em constante construção: é um sentido de compromisso com a existência para consigo e para com o outro. A hermenêutica de Gadamer é a tarefa da interpretação e compreensão que se dá no contraponto entre os vividos intencionais e as experiências factuais, indissociáveis dos propósitos do *ethos* da vida. Em última análise, ela só pode ser pensada como significativa, ou seja, no sentido apropriado da sabedoria prática, com ênfase no hábito da prudência. Acreditamos que, para Gadamer, compreender e interpretar sem estar implicado aos propósitos que visam a uma vida boa, prudente, seria um grande erro; e mais, seria uma atitude egocêntrica, individualista, que aniquilaria com uma das principais qualidades do ser humano, que é pensar com vistas ao bem.

Chamamos atenção que nem toda experiência é significativa no sentido que aqui tomamos para ela. Devemos lembrar que, em nossa apropriação do que expressou Gadamer, o significativo carrega a noção de instauração de sentido apropriado, correlacionado a um compromisso de *ethos* para com a existência. Portanto, não é decorrente de um conhecimento qualquer adquirido em uma experiência de interpretação, mas, sim, algo que se revela como sabedoria prática pautada no modo como conduzimos seu efeito, tendo, para isso, horizonte intencional na implicação à *phronesis*. O sentido de significativo se refere ao modo de ser para a vida boa e justa; em suma, está em jogo aqui a tarefa hermenêutica implicada a uma ética política, que visa ao sentido de felicidade descrito por Aristóteles.

Segundo Rohden, Gadamer utiliza-se das noções de ética descritas por Aristóteles para justificar sua experiência hermenêutica filosófica como um modo de ser ético (ROHDEN, 2001). Assim como o filósofo grego, Gadamer não está preocupado com uma ética descritiva ou normativa dos fenômenos. Ele não tem a pretensão de fundamentar uma doutrina da ética. A sua noção sobre o conceito de experiência nos fundamentos de sua filosofia prática é um modo de ser ético. Ele se dedica a ela em seu horizonte de passagem do descritivo para o normativo. Desse modo, o foco de Gadamer é o espaço relacional da experiência, que se refere diretamente “do ser ao dever ser”, espaço que, aqui, intitulamos como o próprio modo de ser humano no mundo, que decorre de suas experiências diante desse.

Nas palavras de Gadamer, a tarefa do querer saber “[...] implica em encontrar a razão, da nossa existência finita, para aquilo que queremos, analisamos ou podemos tentar suscitar mediante nosso próprio agir [...]” (GADAMER, 2001, p. 103), pois é a factualidade de convicções, valorações e hábitos íntima e profundamente compreensíveis, íntima e profundamente comuns, a suma de tudo o que constitui o nosso sistema de vida. Nesses termos, o sentido significativo está associado a um modo de ser da hermenêutica pautada no *ethos*.

Chamamos atenção para o fato de que, diante do exposto, não estamos negando a importância da tarefa de compreender e interpretar da experiência hermenêutica, pois ela tem, em si, seu ser frutífero. No entanto, salientamos que nem sempre sua preocupação está implicada ao rigor do que se faz com o conhecimento que surge dela. A essência de uma experiência filosófica, no contexto exposto por Gadamer, decorre de um movimento hermenêutico na tarefa de compreender e interpretar, implicada ao efeito de tal movimentação sobre o pensar e agir humano, indissociáveis ao compromisso de um *ethos* vital. Diante disso, consideramos importante pensar na relação do que o *ser-aí* acolhe, ou não, de suas experiências diante da vida e o que ele faz com esse conhecimento, pois é verdade que a experiência estrutura e orienta a forma de pensar e agir do homem e dinamiza o horizonte de seu futuro. Sabemos que a vida é um todo composto por partes que se relacionam e que cada uma delas têm uma finalidade específica, sendo que, no caso do ser humano, é pensar. Porém, percebemos que, quando este não se dedica a exercer a sua finalidade

A noção de experiência vivencial significativa em Gadamer

ROHDEN, L.; NEUBAUER, V. S.

no mundo, acaba por desorganizar o todo. Com isso, problemas sociais e culturais emanam a partir desse contexto, destruindo a própria vida.

Contudo, para nós, o que permanece de uma experiência hermenêutica é a profundidade com que ela é levada a sério, ou seja, um modo de filosofar cuidadoso, que visa compreender e interpretar a si e as coisas no hábito de uma sabedoria prática, o que não é fácil, converte-se em uma postura, em um modo de ser responsável para com a existência individual e coletiva, na qual, por inúmeras vezes, é necessário abandonar nossas pretensões individuais em nome do bem comum.

A natureza ética da experiência hermenêutica de Gadamer é o reconhecimento da prudência de nossa existência social, que denominamos de tradição. Trata-se de um contexto intersubjetivo em que vivemos práticas culturais e sociais que definem a compreensão compartilhada dos homens sobre si mesmos, os outros e o mundo. Os seres humanos experimentam-se em um mundo, o que significa que eles não se comportam apenas através de disposições em um ambiente: eles se relacionam com os propósitos de sua própria tradição e com a tradição dos outros. Segundo Kögler, a tradição culmina e objetiva-se de forma simbólica, as quais são as próprias incorporadas numa teia infinita de interpretações teóricas e práticas (KÖGLER, 2015).

Afirmamos que, diante do entorno e da relação da vivência intencional (elencada e conduzida pela tradição) com a seriedade dos propósitos de uma experiência (da finitude, que é espacial e temporal) decorrente da facticidade dos hábitos e valorações, temos abertura para o sentido essencial da vida e, com isso, esse percurso relacional propõe a passagem do ser ao dever-ser que, ao atingir seu êxito pelo pensar e agir prudente, pautado no meio termo, conduz os seres humanos a uma vida feliz e justa. Assim, a hermenêutica de Gadamer, como *experiência vivencial significativa*, é de natureza ética, porque implica a nossa existência social.

Nesse sentido, tal noção defendida por nós é uma relação indissociável entre a vivência intencional e a experiência significativa, que carrega consigo um compromisso ético. Isso se justifica pelo fato de que, ao reconhecimento do outro como outro *ser-ai* de possibilidade social, temos a exigência de respeito para com o outro, tomando a sério suas reivindicações.

A experiência vivencial está intimamente relacionada com o *ethos* da vida, exercício da sabedoria prática que se volta a um compromisso de uma produção de si, sem deixar de levar em consideração o outro. Em outras palavras, uma sabedoria que tem o poder de criar e reinventar a vida em um modo de ser *ethos e poiésis*. Fazer o sentido de si mesmo é um movimento hermenêutico de participação e autocompreensão condicionado ao reconhecimento de uma existência coletiva. Bourdieu expressou que a ética hermenêutica é um *ethos*, uma relação prática que se baseia na apropriação reflexiva de seu parentesco com o outro, que sugere o respeito e reconhecimento do outro, que se dá num diálogo compartilhado entre crenças, suposições e práticas (BOURDIEU, 1990).

Assim, em uma experiência vivencial nos projetamos, o que constitui um estado de liberdade para nos reinventarmos. É na autocompreensão dela que se desenrola o conhecimento de mundo, onde se estabelece o sentido da vida humana. O âmbito universal da hermenêutica, nesse sentido, diz respeito ao conhecimento da existência humana, o que, para Gadamer, é medido pela linguagem, pelo diálogo sério. É universal, porque, de modo permanente, é a interpretação de tudo, na medida em que pode ser compreendido como uma experiência de base hermenêutica não dá origem a nenhuma redução ou limitação metodológica. Assim, a experiência hermenêutica sublinha a finitude do *ser-ai* e do evento, não nos conduz a um conhecimento final, a uma absoluta abstração de todo, é mais um sentido que está em constante construção. A verdade que emana da

experiência filosófica não tem mais o seu fundamento na universalidade ou apodítica dos enunciados e conhecimentos humanos, ela se refere “ao horizonte transcendental da experiência ôntica concomitante, a uma experiência ontológica de implicação hermenêutica que reconhece a simultaneidade da evidência com todo o presente histórico, finito e factual” (PEGORARO, 2010, p.65).

Segundo Gander, o conceito de experiência hermenêutica, em Gadamer, fala da “dignidade”, de sorte a mostrar-se como um encontro, ou seja, o fenômeno hermenêutico projeta a sua própria universalidade de volta para a constituição ontológica do que se entende e define a sua relação com os seres como interpretação, uma relação, vale dizer, que é sempre linguística e circular. Por fim, se a hermenêutica de Gadamer fala de dignidade, certamente ela sempre visa à instauração do sentido de si e das coisas para alcançar uma vida justa e feliz (GANDER, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do esclarecimento dos conceitos de vivência intencional e experiência significativa estudados por nós no decorrer do nosso trabalho, tornou-se possível defendermos a tese de que a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer está ligada diretamente à ideia de experiência vivencial significativa.

Para tanto, examinamos, inicialmente, o significado da palavra *Erlebnis*, o qual denotava as ideias de imediatez e significabilidade. A partir da análise, tornou-se possível compreendermos que o mundo da vida e o horizonte do mundo da vida histórico são interligados, porque é justamente neles que as vivências ocorrem. Num segundo momento, apontamos a vivência e sua vinculação à totalidade, à infinitude, na medida em que elas decorrem de uma relação da história efetual. Trata-se das unidades vivenciais, que são, em si mesmas, unidades de sentido. Os fenômenos são dados essenciais que aparecem no sentido das coisas mesmas, ou seja, a compreensão estabelece-se no fenômeno dela mesma. Dessa forma, na terceira parte, onde ainda se tratava de aclarar o conceito de vivência, discutimos a temática da intencionalidade, pois é na sua experiência que podemos evitar tanto a atitude psicologizante quanto a ideia de um *télos* último da razão. Por intermédio de sua descoberta, deparamo-nos com a orientação de que a compreensão deixa-se guiar pela intenção que se dá na temporalidade, isto é: o fluxo de vividos jamais pode consistir-se de puras atualidades, porque está diretamente implicado aos atos de percepções vivenciais intencionais.

No segundo capítulo, que se centrou no conceito de experiência, *Erfahrung*, tivemos a oportunidade de discorrer sobre o modelo estrutural da experiência do jogo, onde horizontes distintos são sempre partilhados. Na ocasião, entendemos que é no espaço do jogo que uma experiência realiza seus objetivos e que o particular concreto não representa apenas o ponto de partida, mas também um momento sempre determinante para o conteúdo do universal.

Nesses termos, a experiência, para Gadamer, está pautada na experiência da nossa própria historicidade, pois a experiência hermenêutica é a experiência de nossa finitude, na qual estamos sempre a nos encontrar e reinventar. O sentido do todo só pode ser compreendido relativamente, pois a totalidade de sentido, compreendida na história e na tradição, decorre do modo pelo qual a

realidade da finitude do compreender estende-se à resistência, ao absurdo e ao incompreensível, alcançando validade. Quem leva a sério a finitude também deve levar a sério a realidade da história.

O acontecimento factual é a abertura para uma realização dialética de uma experiência da qual podemos sair modificados. A possibilidade de o ser humano encontrar-se e reinventar-se possui referência com o que constitui a noção de jogo como experiência hermenêutica filosófica da facticidade. O cerne da experiência é o próprio ser do jogar, portanto, participar e colocar-se em xeque. Nessa dimensão, reconhecemos na experiência no horizonte da facticidade nossos próprios limites.

Todavia, reconhecer nossos limites não garante que iremos saber conduzir tal conhecimento de modo apropriado diante de nossa responsabilidade para com a existência. A *phronesis*, descrita pelo filósofo como sabedoria prática, é apresentada como primordial à experiência vivencial significativa, ou seja, a tarefa da interpretação implicada à dimensão teórica e prática da vida. Por isso, a experiência não é mera questão de intenção, objetivação, validade: ela se refere ao nosso saber ou não saber, que deve ser assumido sempre com responsabilidade, pois o saber da experiência hermenêutica de Gadamer faz parte do *ethos* da vida.

As vivências e experiências, significativas para existência humana, não podem ser compreendidas como se uma se subordinasse à função da outra. Ambas possuem estruturas diferentes em seus propósitos, tendo profundidades distintas, pois nem sempre caminham juntas. Gadamer, em suas reflexões em torno da experiência hermenêutica, alerta que seu propósito diante de tal questão está na necessidade de visar, conduzir e garantir que tais conceitos caminhem juntos na tarefa de compreender e interpretar a si e as coisas, o que, em análise, requer um esforço do pensar, ou seja, da autocompreensão, nas medidas da responsabilidade. A tarefa da hermenêutica filosófica é sempre um novo encontro do ser-no-mundo com ele mesmo, a qual tem implicação com a sabedoria teórica e prática, que não é fruto somente de um saber técnico.

O movimento do vivenciar e do experienciar são decisivos para a conquista de um sentido apropriado para com o nexa da existência. Esses movimentos instauram um confronto com a nossa tradição histórica, que retoma um desafio crítico do que nos constitui até o presente momento, com ênfase decorrente de um reconhecimento e pertencimento a esta. O sentido não emerge como algo dado por si só, como se o acontecimento de uma vivência garantisse o propósito de uma experiência e essa, como tal, já nos conduzisse à significabilidade do ser humano no mundo da vida social. Em outras palavras, nem toda vivência compromete-se com os princípios de uma experiência, ou seja, o de meditar, pensar, analisar, ponderar, criar e deliberar.

Em contrapartida, nem toda experiência é vivenciada. A experiência experimental da ciência empírica, por exemplo, em que a técnica precisava triunfar sobre a tradição, não tem conexão com o conceito de vivência descrito por Gadamer, que está relacionado a um 'sentir na pele'. Uma experiência hermenêutica deve acolher a vivência, mas, ao mesmo tempo, distanciar-se dos preconceitos instaurados por esta, a fim de não obscurecer o seu efeito e manter os hábitos cotidianos como verdades únicas. Desse modo, todo encontro do *ser-aí* com uma coisa ou acontecimento não implica um abandono, mas uma suspensão dos preconceitos, o que permite que o outro mostre-se enquanto tal e também possa ter razão.

Nem toda experiência busca o sentido que aqui tomamos para ela, visto que, para nós, o significativo da noção de experiência vivencial carrega a necessidade de instauração de um sentido apropriado para com a existência individual e coletiva. É preciso ir além do contexto ôntico das coisas e mergulhar na profundidade ontológica dos fenômenos, implicados no exercício da virtude da prudência. O 'ser verdadeiro' da hermenêutica filosófica de Gadamer condiz com o horizonte da experiência vivencial significativa, que é sempre um movimento da finitude, do histórico, do factual e da virtude.

Em Gadamer, são as experiências, e não as vivências, que precisam ser confirmadas. A práxis da experiência volta-se às vivências intencionais anteriores pelo movimento da recordação e da negação, em um exercício de contraponto dos horizontes distintos envolvidos, onde se instala um diálogo cuidadoso e respeitoso com o que nos é distinto e próprio. Na experiência da interpretação, há uma atividade relacional entre técnica, práxis e nexos das vivências anteriores.

Dessa relação essencial surge o ponto axial da hermenêutica filosófica gadameriana, a saber: “sabedoria de um ser ao dever-ser”. Com efeito, uma experiência significativa não é um saber abstrato e restrito das coisas, na mesmidade corriqueira dos hábitos cotidianos da tradição. Essa dimensão de saber implica o exercício de autoconhecimento, afinal, é a própria determinação do ser humano que possui discernimento e perspicácia para compreender-se e, com isso, transformar-se.

Em cada acontecer de uma experiência estamos em constante reformulação. Por tal razão, ela carrega, em seu efeito, a probabilidade do aperfeiçoamento do *ser-aí* em sua busca pelo saber. Assim, a partir de muitas percepções, forma-se a unidade de uma experiência baseada na multiplicidade, o que acaba formando algo como a consciência do universal, que se conserva no fluxo de aspectos cambiantes da vida da experiência. Para nós, isso diz respeito à experiência vivencial significativa, o que significa que a vida jamais pode tornar-se, ela mesma, objeto.

O homem, como ser pensante, sempre se pergunta como deve viver na realização de uma busca pela vida feliz, questão que não se esgota na aquisição e no êxito ativo, mas que também exige entrega, participação com o que há para ver. A mera acumulação de fatos como conhecimento técnico não é uma garantia de uma experiência vivencial significativa, portanto, de sabedoria; para tal, é necessário o hábito da prudência. São sábios os homens que conduzem-se à vida boa.

O existir pertence a um modo de ser que compreende e interpreta as partes do todo da vida, reconhecendo-se como uma delas. O todo da vida é constituído de diversidade, desafios a serem desvelados e deliberados, o que é tarefa da hermenêutica filosófica, que exige um lançar-se à vida individual e coletiva com a virtude da prudência. Caso contrário, seu saber está fadado à morte da própria vitalidade do ser humano. Desse modo, é na autocompreensão das variações dispostas no ‘eu’ em confronto com outros ‘eus’ que abandonamos a visão solipsista e egocêntrica do esforço da interpretação elencada da tradição filosófica, o que nos possibilita alcançar um sentido apropriado para a nossa existência. Tal sentido decorre de um diálogo sério, que busca um entendimento apropriado e compartilhado, portanto, prudente e responsável, do qual emerge a sabedoria que nos conduz a uma vida boa, feliz. De fato, não só devemos entender o que o outro tem a dizer como também queremos ser entendidos. Nesse sentido, Gadamer considerou que, para isso, é necessário ter senso histórico, o que significa pensar expressamente o horizonte extensivo à vida que vivemos e seguimos vivendo.

Concluimos que somente a vivência e a experiência não nos servem de garantia para significar o verdadeiro sentido da existência, ou seja, significá-la requer compromisso com o horizonte da *phronesis*. E, assim como a prudência, a exigência de uma disposição de entrega, de participação, é fundamental para o diálogo em que se constitui uma experiência de autocompreensão e elaboração da própria tradição que lhe é própria e distante.

Contudo, para nós, o que permanece de uma experiência hermenêutica em Gadamer é a profundidade com que ela é levada a sério, ou seja, um modo de filosofar cuidadoso, um modo de ser de um *ethos*. Trata-se de uma postura, da tarefa da interpretação implicada à racionalidade, à meditação e à responsabilidade que conduz o ser humano ao agir moral prudente. Gadamer não estava preocupado em desenvolver um método para a ética ou uma doutrina ética. O horizonte gadameriano para essa implicação do *ethos* é o espaço relacional que ele mantém com a práxis da experiência humana.

A noção de experiência vivencial significativa em Gadamer

ROHDEN, L.; NEUBAUER, V. S.

Compreendemos que o primeiro potencial da hermenêutica filosófica de Gadamer, aqui referida como experiência vivencial significativa, propõe que reconhecamos que o homem não pode eximir-se de seu potencial de homem pensante no mundo, pois é somente diante do pensar, da interpretação, que nos tornamos o que somos e alcançamos o que queremos ser. Nesse sentido, afastar-nos daquilo que nos constitui enquanto seres históricos, finitos e factuais é abandonar o que condiz com a própria essência de homem no mundo, é um retrocesso às conquistas já conhecidas com a analítica existencial de Heidegger, que Gadamer denomina como “ser humano no mundo”.

Todavia, tudo indica que o saber que emana da experiência referida por Gadamer significa algo diverso daquilo que os instrumentos, ou os usos de uma tradição, tenham legado a ela a partir do passado. Gadamer, quando recorre à experiência hermenêutica implicada ao *ethos*, revela que seu saber significativo é mais do que visar os hábitos corriqueiros já instaurados, pois ele procede de um questionamento e de uma responsabilização da experiência sobre si mesma, para que também seja possível compreender o outro e fazer-se compreender por ele. Com ênfase, para Gadamer, a ideia de experiência vivencial significativa é a hermenêutica filosófica de uma sabedoria prática.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Richard. **The new constellation: the ethical-political horizons of modernity postmodernity**. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1992. p. 4.

BOURDIEU, Pierre. **The logic of practice**. Translated by Richard Nice. Stanford: Stanford University Press, 1990. p. 67

GADAMER, Hans-Georg, **Elogio da teoria**. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2001, p. 59.

GADAMER, Hans-Georg. **Hegel, Husserl, Heidegger**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: **Vozes**, 2012. p. 336-347.

GADAMER, Hans-Georg. **The idea of the good in Platonic-Aristotelian Philosophy**. Translated by P. Christopher Smith. New Haven and London: Yale University Press, 1986. p. 40.

GANDER, Hans-Helmuth. “Gadamer: the universality of hermeneutics”. In: MALPAS, Jeff; GANDER, Hans-Helmuth (Eds.). **The routledge companion to hermeneutics**. Routledge: London, 2015. p. 137-148. p.139.

GRONDIN, Jean. **Introducción a Gadamer**. Traducción de Constantino Ruiz-Garrido. Barcelona: Herder Editorial, 2003a. p.79.

A noção de experiência vivencial significativa em Gadamer
ROHDEN, L.; NEUBAUER, V. S.

HEIDEGGER, Martin. **Da experiência do pensar**. Petrópolis: Globo, 1968. p. 33.

KOGLER, Hans-Herbert. "Ethics and community". In: MALPAS, Jeff; GANDER, Hans-Helmuth (Eds.). **The routledge companion to hermeneutics**. Routledge: London, 2015. p. 310-323. p. 317.

LAGO, Clenio. **Experiência estética e formação: articulação a partir de Hans-Georg Gadamer**. 2011. 121 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2011. p. 68

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Carlos Grifo Babo. Lisboa: Editorial Presença, 1974. p. 351.

PEGORARO, Evandro. **Que é compreender? Estudo a partir de Hans-Georg Gadamer**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre 2010, p. 30.

ROHDEN, Luiz. "Hermenêutica filosófica como filosofia prática". In: **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 2, n. 3, p. 193-211, set./dez. 2001.